

REPRESENTAÇÕES SOBRE
O TRABALHO DOCENTE:
UM OLHAR PARA A SEÇÃO
“*ERA UMA VEZ*” DA
REVISTA NOVA ESCOLA*

*Representations about the
teacher’s work: a view to the
section ‘Once upon a time’
from the Brazilian magazine
Nova Escola”*

Daniella Barbosa BUTTLER
Doutoranda LAEL – PUC-SP*

Resumo: Este artigo tem por objetivo verificar qual (ou quais) representação(ões) do trabalho docente são veiculadas na seção *Era uma vez* da Revista Nova Escola. Para tanto, o texto “Crônica para dona Nicota” foi selecionado, já que nele são destacadas as características afetivas do ser humano, colocando em segundo plano a capacidade profissional. A proposta é conhecer as condições de produção do texto e, em seguida, reconhecer marcas linguístico-discursivas que permitam encontrar referências ao professor e a seu agir. Os pressupostos teórico-metodológicos centrais provêm do interacionismo sócio-discursivo (BRONCKART, 1999; 2006), acrescentando-se a ele conceitos já construídos sobre o trabalho e, especificamente, sobre o trabalho do professor à luz da Ergonomia da Atividade, tal como desenvolvidos por Amigues (2004), Saujat, (2004) e Faïta (2002), e da Clínica da Atividade, por Clot (2006).

Palavras-chave: representação, trabalho, professor, crônica.

* Pesquisa realizada com o apoio financeiro da Agência CAPES.

** daniellabar@gmail.com

Abstract: This paper aims to focus on verifying which representations of teaching work are constructed in the section Once upon a time from the specialized Brazilian magazine Nova Escola. The text “Crônica para dona Nicota” was selected, because it presents affective characteristics of the human being and puts the professional capacity in a second position. The objective is to analyze the production conditions of the text, and, after that, to identify linguistic-discursive marks which will allow us to recognize references to the teacher and his/her actions. In order to do this, we adopted views from the Socio-discursive interacionism (BRONCKART, 1999; 2006) and from Activity Ergonomy, such as developed by Amigues (2004), Saujat (2002) e Faïta (2002) and the concepts of the Activity Clinic, as developed by Clot, 2006.

Key Words: acting, work, teacher, chronicle.

1) Introdução

Este artigo insere-se num trabalho maior do Grupo ALTER (Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações) do LAEL (PUC/SP)¹, cujas pesquisas têm o objetivo de compreender o trabalho do professor representado em textos diversos. O objetivo específico deste artigo é verificar qual (ou quais) representação(ões) do professor se constroem no texto “Crônica para Dona Nicota”, publicado na *Revista Nova Escola*².

O artigo estrutura-se em três partes: a primeira apresenta e discute brevemente os pressupostos teóricos, que tomam os textos como reconfiguração do mundo do trabalho do professor; a segunda, os procedimentos de seleção dos dados, bem como as perguntas de pesquisa; e a terceira, os resultados da análise da crônica, explicitando-se o contexto sócio-interacional de produção, bem como as características globais do texto, os mecanismos enunciativos e, finalmente, os

¹ Grupo sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Anna Rachel Machado, associado ao Groupe LAF, da Universidade de Genebra, é parte integrante de um grupo de pesquisa brasileiro mais amplo, que reúne pesquisadores de 12 universidades brasileiras. O Grupo ALTER está cadastrado no CNPq.

² Publicação de alcance nacional, dirigida a educadores. Doravante RNE.

elementos do agir do professor que são tematizados. A última parte desse artigo diz respeito ainda às considerações finais, fazendo uma compilação do que foi discutido.

II) Pressupostos teóricos

Este estudo fundamenta-se nos princípios teóricos e epistemológicos do Interacionismo Sócio-discursivo (ISD)³, que nos fornece uma visão clara da importância da linguagem verbal em sua relação com o funcionamento e desenvolvimento humano, no âmbito das atividades sociais. Utilizamos ainda, como aporte teórico, pesquisas de psicólogos e linguistas da Clínica da Atividade (Clot, 2006; Faïta, 2002) e da Ergonomia da Atividade (Amigues, 2004; Saujat, 2004), que há mais tempo se voltam para a questão do trabalho e do trabalho educacional.

Esse suporte teórico aponta que trabalhar é agir num determinado contexto, em função de um objetivo (CLOT, 2006). Nesse sentido, ensinar é agir na classe e na escola, em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender. Refletindo sobre o agir em geral, Bronckart adverte:

Todo agir se efetiva sobre o pano de fundo de atividades e de ações já feitas e geralmente já avaliadas por meio da linguagem. Portanto, é necessário assumirmos, em primeiro lugar, a preexistência de modelos do agir, que alguns autores chamam de recursos tipificados e tipificantes que orientam as condutas [...] Esses modelos práticos disponibilizam “modos de fazer”, estilos de agir que, evidentemente, dependem dos domínios nos quais esse agir se desenvolve, mas que também variam em função da configuração das formações sociais (BRONCKART, 2006, p. 244).

Bronckart (2003) aponta que é a reapropriação das capacidades discursivas de um meio sócio-histórico que leva a uma reestruturação do conjunto do funcionamento psicológico. Para ele, *os textos e/ou discursos são as únicas manifestações*

³ ISD é uma corrente da psicologia da linguagem que tem o suíço Jean-Paul Bronckart como seu fundador e principal pesquisador.

empiricamente observáveis das ações de linguagem humana (BRONCKART, 2003:14). Assim, a divulgação de textos da mídia escrita podem exercer influência no modo de agir dos professores, levando a eles uma visão real ou fictícia do trabalho docente.

Todavia, o texto não pode ser visto isoladamente, é preciso considerar também o seu contexto de produção, bem como seu suporte. Conforme Bronckart (2004) explica, o conjunto de elementos do mundo é suscetível a exercer uma influência sobre o texto. Então, ao se analisar um texto é preciso, em primeiro lugar, levantar hipóteses sobre o contexto de produção mobilizado, lembrando que:

Contexto de produção pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado. Se teoricamente, múltiplos aspectos de situação de ação poderiam ser mencionados (as condições climáticas, a refeição anterior do produtor, seu estado emocional, etc.) nós, entretanto, de acordo com a maioria dos teóricos, acentuaremos exclusivamente os fatores que exercem uma influência necessária (mas não mecânica!) sobre a organização dos textos. Esses fatores estão reagrupados em dois conjuntos: o primeiro refere-se ao mundo físico e o segundo, ao mundo social e subjetivo (BRONCKART, 2004: 93).

Se o contexto de produção está relacionado ao plano de ação da linguagem, esse pode ser considerado uma das características mais importantes dos gêneros, pois orienta o leitor a fazer uma leitura mais adequada e crítica do texto.

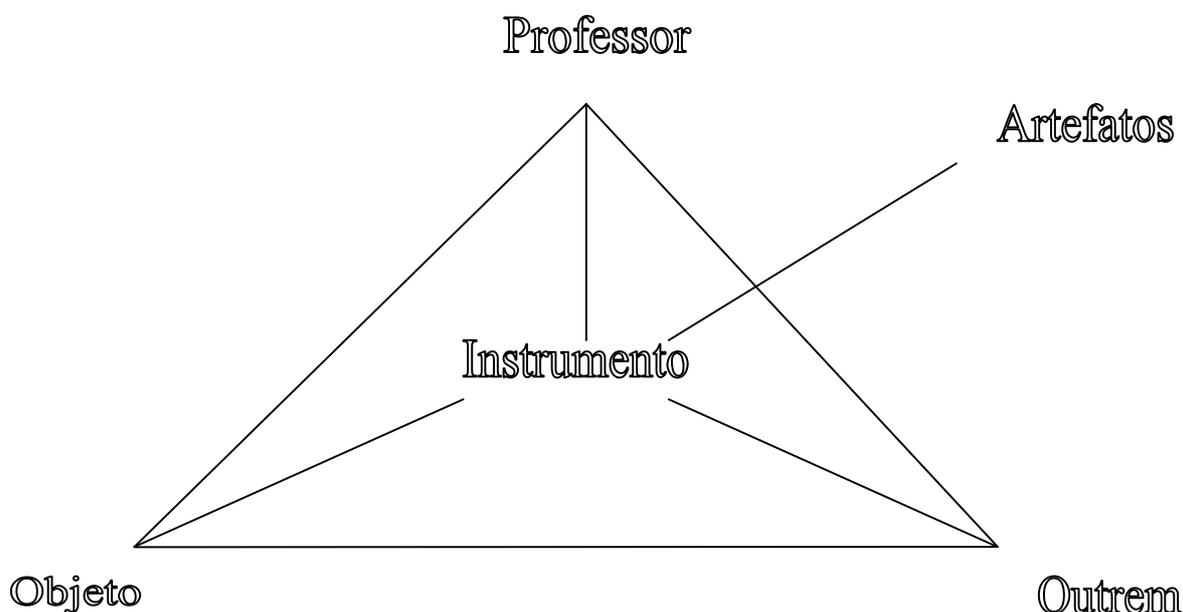
Como se pode depreender da leitura acima, além dos elementos apontados por Bronckart (2004), consideramos que, na análise do gênero crônica, é preciso considerar também seu suporte. Entre as várias definições para “suporte”, adotaremos em nossa análise a proposta por Marcuschi (2003):

Suporte textual tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um lócus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta. De importância neste caso é a questão de saber qual é o grau de dinamismo do suporte. Admitimos que ele não é passivo e tem

relevância no próprio gênero como tal, já que um texto em um ou outro lugar recebe influência desse lugar em que se situa (MARCHUSCHI, 2003).

Na medida em que analisaremos esses dados, poderá emergir alguma representação, e a partir daí focaremos então no texto. Para o ISD, as práticas de linguagem são o maior instrumento para o desenvolvimento humano, não somente no que diz respeito aos conhecimentos e saberes, mas, sobretudo, às capacidades de agir das pessoas, mais especificamente, no agir do trabalho do professor.

Alguns conceitos sobre o trabalho do professor propriamente dito são discutidos por Machado (2007). Embora reconheça a dificuldade em encontrar uma definição universal que reúna todas as formas do agir humano no trabalho, a pesquisadora propõe uma reflexão sobre a complexidade do trabalho do professor, apresentando o seguinte esquema:



Essa figura mostra que o trabalho do sujeito-professor é visto como atividade, de forma que um sujeito age sobre o meio, em interação com diferentes outros (alunos, outros professores, família etc.), utilizando de artefatos materiais ou simbólicos, construídos sócio-historicamente. O objeto é um meio de trabalho coletivo que o professor organiza para propiciar a aprendizagem de um conteúdo ou desenvolver a capacidade do aluno. Sendo assim, o trabalho do professor não se encontra isolado, mas em uma rede de numerosas relações. Por isso, a docência, como qualquer trabalho humano, deve ser analisada como uma *atividade*, um agir coletivo, com dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas.

A mesma autora destaca que, sendo o trabalho do professor socialmente situado, todos os participantes do contexto têm importância direta ou indireta, assim como as condições físicas e sociais, as prescrições, as regras do ofício (“aquilo que liga os profissionais entre si”) e as ferramentas (recursos). Portanto, o trabalho do professor não é individual e, como lembra Faïta (2002), esse profissional se encontra diante de coerções institucionais, de prescrições explícitas ou não, de políticas dos estabelecimentos de ensino e de seu coletivo de trabalho, ou seja, de grupos de profissionais que constroem diferentes regras e formas de pensar e de fazer. O profissional pode tanto submeter-se a essas normas ou opor-se a elas. Aderindo ou não às regras, o trabalhador acaba por fazer o seu trabalho, mas de alguma forma trilha seu próprio caminho, acrescentando ou suprimindo alguma coisa, colocando algo de diferente, de seu, no cumprimento delas. Precisamos considerar que o agir do professor envolve:

[...] não só seus atos exteriorizados, mas também as inferências, as hipóteses que faz, as decisões que toma, o modo como controla seu tempo e, além disso, o controle de seu estado pessoal – sua fadiga, seu estresse, assim como o prazer sentido na interação com os alunos nessa situação de aula etc... (ROGALSKI, 2000 apud SAUJAT, 2004, p.26).

Ao realizar sua atividade, o professor vê-se, também, coagido pelo ambiente de trabalho que lhe impõe prescrições a serem seguidas, sem, entretanto, muitas vezes lhe oferecer condições para cumpri-las. É obrigado a resolver os diversos problemas do cotidiano escolar que não constavam no planejamento e a fazer escolhas para concluir suas tarefas. Nessa perspectiva, o modo próprio de cada um executar aquilo que lhe foi prescrito (SOUZA-E-SILVA, 2004) é resultante de uma dimensão intermediária, intercalada entre o meio e o sujeito.

Para agir, então, o professor deve estabelecer e coordenar relações, na forma de compromisso com as prescrições, com o coletivo de trabalho, com as regras do ofício, com os recursos para agir, que podem ser de ordem externa – recursos materiais⁴; e de ordem interna – recursos próprios do agente, ou seja, recursos mentais ou comportamentais, como os sentimentos, os valores, as atitudes, os conhecimentos, necessários para a realização de um determinado agir.

Além de aplicarmos os dados do triângulo acima, optamos por classificar os verbos ou nomes que codificam o agir do professor. Para isso, seguimos algumas categorias já utilizadas por pesquisadores do grupo ALTER: o agir físico, o agir pluridimensional e o agir afetivo usado por Barricelli (2007), o agir mental e o agir linguageiro usado por Mazzillo (2006) e as relacionamos com o triângulo apresentado por Machado (2007) acima esquematizado. Entretanto na seção da análise, observaremos não só verbos, mas nominalizações como adjetivos e substantivos, que indicam a representação do professor.

Buscando identificar alguns desses modelos de agir do professor, Machado & Bronckart (2004), sugerem que as intenções, as motivações, as capacidades e a

⁴ Ao se falar de recursos materiais para o agir, cabe uma explicação sobre a distinção entre os termos *artefato* e *instrumento* utilizados para designar os recursos materiais. O termo *artefato* designa de modo neutro o que está disponível, de origem humana, no mundo. Esse artefato se torna um *instrumento* quando agimos sobre ele e nos apropriamos de seu uso.

responsabilidade dos indivíduos não podem ser detectadas diretamente pelas condutas/comportamentos aparentes. Só por meio das representações/interpretações/ avaliações dos próprios agentes e de observadores externos, geralmente, expressas em textos (orais ou escritos). Os textos que se referem a uma determinada atividade social exercem influência sobre ela e sobre as ações nela envolvidas. Está aí a importância de analisarmos textos que tratam do trabalho educacional.

Além dos tradicionais textos prescritivos do trabalho educacional – leis sobre o ensino, documentos institucionais, projetos de escola, materiais didáticos, textos para a formação de professor, planos de aula, planejamento do curso etc. – há os que são veiculados socialmente na mídia, que, visivelmente, trazem modelos para esse agir, como o texto que estudamos neste artigo, e cujos procedimentos de análise descrevemos a seguir.

III) Procedimentos metodológicos

Escolhemos um texto rubricado como crônica “Crônica para dona Nicota”, de Tatiana Belinky, que aparece na seção “Era uma vez”, da RNE, publicada em outubro de 2000, edição nº 136. A demarcação dos dados está exposta na primeira parte do resultado da análise, logo no início da próxima seção.

A análise procurou responder à seguinte questão de pesquisa: Que representações ou figuras interpretativas sobre o professor e seu trabalho são construídas na “Crônica para Dona Nicota”? Para responder a essa questão, analisamos o texto do ponto de vista organizacional – contexto sócio-interacional de produção; as características globais do texto e da revista –; do ponto de vista enunciativo – vozes e modalizações –; e do ponto de vista sintático-semântico – o agir interpretado/avaliado, usando como categorias de análise os elementos constitutivos

do agir (BRONCKART, 2006). Para esse último nível, consideramos que as representações detectáveis nos textos podem – ou não – referir-se a três elementos do agir: às razões que levam a ele, à intencionalidade e aos recursos para o agir, que aparecem ou que deixam de ser mencionados no texto, de acordo com o modelo proposto por Bronckart e Machado (2004/2005) e utilizado por Bueno (2007), Barriceli (2007) e Mazzillo (2006).

IV) Resultado de análise

Antes de apresentarmos os resultados da análise, descreveremos o suporte e a seção na qual o texto circula. Em seguida, descreveremos o contexto de produção, a capa da revista, a biografia da autora. No fim, apresentaremos a organização dos elementos do texto, plano global, conteúdo temático e tipos de discurso; os mecanismos enunciativos como os modalizadores e as vozes; e a representação de “Dona Nicota” a partir dos elementos do agir.

Descrição do suporte: Revista Nova Escola⁵

Criada por Víctor Civita, fundador da Editora Abril, a primeira edição da RNE foi publicada em março de 1986. Vendida a preço de custo, tem a segunda maior tiragem do país, com cerca de 700 mil exemplares por mês. Segundo a editora, chega a todas as 200 mil escolas brasileiras do Ensino Fundamental, atingindo 1,5 milhões de professores.

Na medida em que a RNE é um periódico regular e se constitui como um importante veículo de divulgação de ideias e práticas pedagógicas junto aos professores, justifica-se o interesse em estudarmos o significado e as implicações das

⁵ Essa revista está disponível em meio eletrônico, no site <http://revistaescola.abril.com.br/>. Utilizamos, para este artigo, a versão impressa.

concepções disseminadas em suas matérias. Trata-se de um veículo especializado em educação e faz parte da cultura da mídia no campo educacional.

Como o intuito de investigar a imagem do professor em textos sociais, buscamos contos e crônicas em que ele era o protagonista. Dos setenta e dois textos lidos na RNE, deparei-me com três textos - ora rubricados como crônicas, ora como contos - com o mote professor, pertencentes a diferentes autores e épocas variadas. Para esse artigo, “Crônica para dona Nicota” foi escolhido, por ser o único texto que trazia alguns verbos de ação. Os outros textos traziam predominantemente verbos de ligação e sintagmas nominais.

Era uma vez da RNE

Uma das seções regulares denomina-se *Era uma vez* e sua proposta é apresentar diversos gêneros (contos, crônicas, cartas, poemas), seguidos de sugestões de atividades didáticas. Essa expressão remete o leitor aos contos de fada e às histórias tradicionais, o que pode explicar a seleção de textos literários⁶ feita pelo periódico: textos voltados para o lúdico, para o prazer e, com isso, o leitor/professor passa a tomar gosto por esse tipo de leitura, já que “Contação e leitura complementam-se para estimular o gosto pelo literário” (ECO, 1984, p. 118). Tal objetivo revela, na verdade, um pacto de leitura (LAJOLO, 2005): ao ler a revista com prazer, o professor também aprende e, talvez, torne-se leitor assíduo.

Contexto de Produção do texto “Crônica para Dona Nicota”

O texto circulou na edição 136, em outubro de 2000.

⁶ Tatiana Belinky (outubro/2000, edição número 136), Fanny Abramovich (outubro/2001, edição número edição 146), Cecília Meireles (outubro/2002, edição número 0156).



Trata-se de uma edição especial para o mês do professor, e traz na capa a seguinte manchete: “Vida de professor – Histórias de profissionais que ensinam com prazer”. No primeiro plano, a imagem mostra uma professora feliz, calma, brincando com seu aluno. No segundo plano, uma cena parecida: duas crianças brincando juntas. Ao selecionar essas imagens, a revista mostra um olhar fotográfico sobre a profissão do professor, como acusa outro título da edição: “Ensaio – Grandes fotógrafos revelam seu olhar sobre mestres e alunos”, que, na voz da revista, é um presente aos professores de todo o Brasil. A impressão em preto e branco produz efeito de recordação, registro, dando tom artístico e clássico à fotografia.

Essa capa constrói a imagem do ato docente como prazeroso. Essa mesma ideia permeia o interior da revista. Na crônica analisada, a figura da professora é construída como aquela que, com o seu jeito carinhoso, consegue atrair um aluno bem tímido.

A autora, Tatiana Belinky, constrói sua narrativa enunciativamente. Podemos considerar como enunciadores, isto é, responsáveis pela enunciação, os profissionais que colaboraram para a edição do texto. Quanto ao contexto sócio-subjetivo da produção, o papel social da autora é o de ser uma das escritoras de livros infantis mais

conhecidas no Brasil, literata, editora, roteirista de TV, jornalista, tradutora e colaboradora da revista. Acrescentamos, ainda, que o destinatário da RNE pode diferenciar-se do destinatário exclusivo de Tatiana Belinky, pois a revista determina novo espaço de circulação. Ao publicar o texto, a revista assume o objetivo de homenagear apenas os profissionais de educação e, de alguma maneira, influenciá-los. O propósito da escritora é o de alcançar um público jovem, não o de passar uma didática, um método de ensino, mas sim cultura variada⁷.

A esfera de circulação social é a escola brasileira. O texto foi escrito⁸ para comemorar o dia do professor, uma vez que o público-alvo da revista são, principalmente, os professores.

Quanto à organização dos elementos que compõem o texto, temos no plano global, conteúdo temático e tipos de discurso; a seguir, os mecanismos enunciativos: modalização e vozes; e, finalmente, a representação de “Dona Nicota” a partir dos elementos do agir.

Plano global do texto, conteúdo temático e tipos de discurso

O “agente produtor do texto dispõe de representações ou de conhecimentos relativos a um dado tema, que estão estocados na memória em formas lógicas e/ou hierárquicas” (BRONCKART, 1999: 217). Nota-se que a autora da crônica revela certa nostalgia, por meio da figura de Dona Nicota, quando recupera a sociedade da década de 1940 do século passado, retratando a professora primária, que revela sua representação de profissional: portadora de dedicação heróica, ensinando os alunos mais relutantes.

Identificando-se o plano global de desenvolvimento do conteúdo temático desse texto, temos:

⁷ Palavras da própria autora em entrevista concedida à pesquisadora em outubro/2007.

⁸ “Crônica para dona Nicota” não foi publicada em nenhuma obra da autora.

- Apresentação da situação inicial – entrada de Ricardinho na escola – e do narrador-personagem da narrativa, bem como localização em tempo-espço.
- Complicação e ações desencadeadas: reação de Ricardinho e da mãe à escola.
- Apresentação da personagem principal – professora – sua descrição e resolução do conflito: reação de Ricardinho a Dona Nicota.
- Introdução de vozes da personagem principal: promessas da professora ao menino.
- Nova situação de estabilidade
- Resultado do trabalho de D. Nicota: sua influência positiva sobre o aluno.

O conteúdo do texto faz referência ao início de um ano letivo e às atividades realizadas pela professora para incluir um aluno resistente. Observamos que há, predominantemente, três tipos de discurso: *discurso narrativo*, uma vez que o gênero crônica está predominantemente no eixo do narrar; o *relato interativo* com a presença do enunciador implicado, mas distanciado do momento do fato relatado; e também o *discurso interativo*, pois há diálogos e segmentos dirigidos diretamente aos leitores da revista. Logo, é importante nesse momento ilustrarmos os tipos de discursos:

O *discurso narrativo* é caracterizado por personagens e acontecimentos e pela autonomia dos parâmetros físicos de ação da linguagem em curso marcada pelo uso do pretérito perfeito (*Ricardinho ... não gostou nem um pouco*), associado ao imperfeito (*Ele se recusava até mesmo a entrar na sala: ficava na porta*) e ao mais-que-perfeito (*Ricardo completara 6 anos de idade*), e por organizadores temporais dos fatos evocados, como as conjunções e as orações subordinadas adverbiais: “...*quando a professora da classe, dona Nicota, se levantou e...*”; *Há tanto tempo*, ... do já *então* tradicional Mackenzie College; *amanhã cedo*; *durante vários dias e até semanas, até certo dia*; *hoje*?; *No dia do professor*; *que a estas horas deve estar dando...*

Nas narrativas literárias, normalmente, o pretérito é uma das formas verbais mais usadas e, no texto “Crônica para dona Nicota”, ele está relacionado com o

presente do narrador-personagem. No emprego do tempo (presente ou passado), entre outros recursos, privilegia-se ora a imagem do narrador (mãe de Ricardinho) ora a da personagem Ricardinho. A personagem narradora conta fatos do seu passado (*Há quanto tempo!*) numa perspectiva de distanciamento que a relação dos dois pólos temporais lhe impõe.

Os segmentos de *relato interativo*, caracterizados pelo uso de marcas linguísticas, estabelecem um distanciamento entre o momento do fato relatado e o momento da enunciação e também apresenta uma forma de narrar implicada, pois o enunciador relata acontecimentos nos quais esteve envolvido, como podemos ver nos dois segmentos: (*Meu primogênito Ricardo completara 6 anos de idade, e resolvemos matriculá-lo no primeiro ano primário da Escola Americana, do já então tradicional Mackenzie College, que ficava a três quadras da nossa casa.*) [...] (*Eu não sabia como agradecer. E nem foi preciso — o que dona Nicota disse, ela cumpriu. E durante vários dias, até semanas, ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas ...*)

Também há fortes indicadores de *discurso interativo*, como a pergunta *Por que estou contando tudo isso a vocês, hoje?* que cria uma certa expectativa no leitor. Há densidade verbal do discurso interativo e unidades linguísticas dêiticas aparecem a todo o momento (*– E acrescentou, para minha surpresa – (...) E hoje continua (...) dona Nicota que a essas horas*). O narrador está implicado no discurso interativo; por isso, há elementos marcados pela voz da personagem, como o futuro perifrástico: *“...Você vai gostar. (...) Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo”*.

Mecanismos enunciativos: modalizadores e vozes

Há algumas marcas que exprimem a posição do enunciador. Por exemplo, em *“Eu não sabia como agradecer”* um modalizador pragmático, que se refere à

responsabilidade em relação às ações, atribuindo intenções, razões ou capacidades ao agente.

Com referência à figura da professora, há várias modalizações apreciativas, como em: “Tudo isso *na maior simplicidade*, como se fosse a coisa *mais natural do mundo...*”; “O Ricardinho adorava a dona Nicota — e não era para menos, Dona Nicota era a *mais perfeita e linda encarnação da "professora primária" ideal — a mais nobre e fundamental das profissões: [...] — com competência, dedicação, compreensão, paciência e carinho.*” São marcas do ponto de vista da entidade avaliadora, ou seja, a opinião da enunciativa carregada de sua apreciação, e julgamento de valor sobre o docente, revelando sua representação de “professora primária” ideal.

A análise dos dados nos permitiu verificar de que modo os atores da cena constroem o discurso, cujas características centrais procuramos destacar, passando agora para o estudo das vozes que se manifestam na crônica. Nesse texto, há três protagonistas: a enunciativa-narradora (a mãe), Ricardinho e a professora. Verificou-se que a voz da enunciativa é forte, mas não é a única. Aparece, também, a voz da professora Dona Nicota várias vezes, mas temos, aparentemente, a ausência da voz de Ricardinho, o que poderia nos indicar que o aluno daquela época não tinha voz, já que é a voz da mãe (família) e da professora (escola) que se manifestam. Por outro lado pode-se afirmar que a crônica gira em torno das atitudes do aluno perante o início de sua vida escolar, revelando-nos então uma voz marcante, embora subentendida no silêncio, de Ricardinho.

Importante pontuarmos alguns recursos estilísticos do texto que marcam a presença de vozes, como os travessões, que, por exemplo, em “– ora vejam! –” funcionam como uma interrupção. A enunciativa se dirige direto ao leitor, interrompendo a narração, algo que não se espera nessa crônica. Isso indica a presença do outro no discurso do locutor, marcada visivelmente na materialidade do texto (AUTHIER-REVUZ, 2001). As aspas também perpassam estilisticamente todo

o texto, assumindo diferentes funções, como por exemplo, a ironia, em “abandonado”. Ricardinho não estava abandonado, ao contrário, ele tinha sim, toda a companhia da família, da escola, da professora. As aspas assumem também o papel de uma voz social, ou seja, uma voz do senso comum por meio da linguagem popular como em “fincava o pé” e “aula particular”.

Representação de Dona Nicota a partir dos elementos do agir

“Crônica para Dona Nicota” retrata a conduta considerada exemplar de uma professora que tem a sabedoria e a sensibilidade de, antes de desempenhar o papel de mestre, desempenhar o papel de amiga, companheira, mãe, tia. Tal postura conquista o amor de uma criança assustada com as mudanças repentinas na sua vida, com o início da escolarização.

Dirigido aos professores com a finalidade primeira de homenageá-los, exalta-os por meio da figura idealizada de dona Nicota. Com maior valorização da pessoa do que do profissional – professor / trabalhador – há uma exaltação das virtudes pessoais e não de suas capacidades docentes.

As características físicas da personagem, de certa forma, ditam e confirmam essa representação: “o timbre e o tom da sua voz, a expressão do seu rosto e até a sua figurinha baixinha, meio rechonchuda, não jovem demais, muito simples e despojada...” Como reforço, há adjetivos e substantivos referentes às suas características psicológicas pessoais, relacionadas à função social de professora:

Dona Nicota era a mais perfeita, linda, “professora primária” ideal — a mais **nobre e fundamental** das profissões.....” / “a primeira a preparar uma criança pequena nas suas primeiras incursões na vida real — com competência, dedicação, compreensão, paciência e carinho.”/

“exemplo , paradigma, modesta, maravilhosa, “montessoriana” e um grande ser humano”.

[.....]

Essa dona Nicota que a estas horas deve estar dando aulas montessorianas aos anjinhos do céu.

A única característica que diz respeito à formação e não à personalidade é o adjetivo *montessoriana*, palavra mencionada duas vezes na crônica, nos apontando que essa formação afetou o modo como a professora lidou com o aluno Ricardinho. Todavia a professora trabalhava numa escola tradicional e de classe alta, contrariando de certa forma o princípio montessoriano.

O interacionismo sócio-discursivo (BRONCKART, 1999) entende a linguagem “como um instrumento semiótico através do qual o homem existe e age”. Nessa perspectiva, temos no enunciado abaixo um instrumento simbólico que também caracteriza a professora em seu agir:

E todo o jeito dela, a maneira como ela olhou para o Ricardinho, o timbre e o tom da sua voz, a expressão do seu rosto ... — Você vai gostar. — E acrescentou, para minha surpresa, — Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo.¹⁰

Essas características descrevem a professora e suas finalidades, criando uma representação de professor dedicado, carinhoso e competente, destacada pela autora, como uma homenagem aos professores. As escolhas lexicais relacionam-se com suas representações e revelam a imagem de professor que ela guarda na memória e a revista. Temos uma representação sobre o que seria um bom professor, segundo a RNE. Há, nesse texto, um referencial social de como se espera que seja uma professora.

⁹ Grifo nosso

¹⁰ Grifo nosso

É tematizado, também, além das características, o agir de dona Nicota, como mostram alguns verbos destacados. Embora tenhamos agir linguageiro (*dona Nicota, se levantou e veio falar conosco (...) e acrescentou (...) o que dona Nicota disse*) e agir mental¹¹ (*ela cumpriu*), devemos reconhecer a predominância, quantitativamente, do agir físico e individual como vemos nos exemplos abaixo:

- ⇒ [...] *dona Nicota, se levantou e veio falar conosco* [...]
- ⇒ [...] *a maneira como ela olhou para o Ricardinho* [...]
- ⇒ [...] *Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo* [...]
- ⇒ [...] *ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas, e levou o Ricardinho pela mão, a pé, até a escola e a sua sala. E o trouxe de volta, da mesma maneira* [...]
- ⇒ [...] *ela voltou para lhe dar uma "aula particular", em casa* [...]

O agir físico que aparece várias vezes nos exemplos acima poderia ser equiparado ao que Clot chama de “gestos profissionais” (CLOT, 2006). Gestos que vão construindo a imagem idealizada do professor, que se solidifica em “Dona Nicota”, representando a figura afetiva ideal.

A predominância do agir físico, nesta crônica, nos revela que o trabalho do professor na década de 40 era constituído tanto de condutas verbais (*falar, acrescentou, disse*) quanto de não verbais (*levantou, levou, passou, trouxe, voltou, buscou, olhou*), que poderiam ser, naquela época, prescritas ou não, mas que o professor possuía condição física, moral, social e econômica para realizar.

Nota-se que o professor da época se apresenta como um sujeito ator (BRONCKART, 2006), já que o actante tem intenções, responsabilidade, motivos e capacidades para realizar tal ação.

No exemplo citado acima “... ela voltou para lhe dar uma ‘aula particular’, em casa...”, constata-se um agir pluridimensional (BARRICELLI, 2007), porque ao “dar aula” não

¹¹ Adotamos, junto com Mazzillo (2006), o agir mental e não cognitivo, porque o termo “agir cognitivo” pode nos remeter a uma corrente da psicologia cognitivista e não à psicologia social de Vygotsky.

temos apenas o agir físico, como temos nos exemplos anteriores: temos também o agir linguageiro e o agir mental. Nesse fragmento, é possível verificar, ainda, que *trabalhar* é, linguisticamente, diferente de *dar aula*, no contexto da crônica. Essa escolha linguística é significativa e nos remete a uma representação negativa de ação, já que “*dar*” pode ser entendido como “*doar*”, e essa palavra, utilizada não apenas pelo professor, mas pela sociedade em geral, pode gerar uma inferência de desvalorização do seu trabalho, da sua ação.

Em suma, a hipótese é de que o trabalho do professor mobiliza seu ser integral, em suas diferentes dimensões (físicas, mentais, linguageiras, afetivas etc.), com o objetivo de criar um meio propício ao prosseguimento de seu trabalho. O texto parece, então, apresentar prescrições e modelos do agir que devem ser apropriados pelo professor e desenvolvidos em interação permanente com a atividade de outros actantes (dos alunos, principalmente) e com a utilização de instrumentos materiais ou simbólicos, oriundos da apropriação de artefatos disponibilizados pelo meio social.

O texto, além de enaltecer as qualidades do professor e prescrever o que ele deve fazer para se transformar no professor ideal, parece ter a finalidade de se constituir como um presente da revista – seu enunciador maior – buscando ajudar o professor a resolver questões do seu dia-a-dia, ao estabelecer um “contrato de felicidade” (MACHADO & BRONCKART, 2006) se o professor fizer tudo como relatado, terá bons resultados, tal como D. Nicota.

V) Considerações finais

Este artigo buscou discutir as representações sobre o professor e seu trabalho produzidas em uma crônica veiculada na RNE. O texto analisado trata justamente dessa questão: o imaginário da professora ideal, bem como o papel que ele assume entre escola/professor/aluno. Escrito no gênero crônica, apresenta o modelo desse

professor, mas não se propõe a revelar os elementos responsáveis para que esse ideal se concretize no processo de ensino-aprendizagem.

Por meio de memórias, o texto, em forma de narrativa, é construído e se insere num sistema de valores e concepções de uma determinada época: tudo se passa na infância do personagem Ricardinho, nos anos 1940. Essas imagens construídas deveriam se opor às imagens dos professores da atualidade, no entanto, em “Crônica para dona Nicota”, é possível notar que muitas representações persistem até hoje.

O discurso de memória revela, ainda, que a imagem do professor está permanentemente em discussão na sociedade e na esfera educacional. Ela não se restringe a um momento histórico específico. Por meio do olhar de uma escritora, entrecortado pelo tempo, podemos contemplar nessa crônica, o que seria a “figura perfeita” do professor em sala de aula. “Dona Nicota” representaria esse professor que consegue dosar, na medida certa, afetividade e competência. Um professor que consegue, na prática pedagógica, valorizar o potencial do aluno, incentivá-lo e despertá-lo para o prazer do ato de aprender. Nesta crônica temos, por meio do narrador, o olhar de uma mãe que, no passado, conheceu uma figura “perfeita” e que agora busca perpetuar o modelo romântico de professora ideal que tanto a inspirou. Imagem que merece reverência e homenagem. Mas, essa crônica omite a visão profissional do professor, uma vez que dá destaque para o aspecto afetivo de Dona Nicota e, ao mesmo tempo, a desprofissionaliza, pois para ser professor, poder-se-ia esperar formação, técnica, estratégia, enquanto que o texto traz um outro estereótipo de professor.

“Crônica para dona Nicota” enfatiza o aspecto idealista da professora personagem, apresentando uma posição ideológica da revista uma vez que enaltece o perfil humanitário. Talvez a escola de Ricardinho seja uma espécie de ilha da fantasia, onde geralmente as dedicadas “donas Nicotas” conseguem visualizar soluções e

procuram proporcionar aos alunos um ambiente mais aconchegante e estimulador. E conseguem, sem nenhum tipo de impedimento, obter o sucesso.

Resta saber se esse não é apenas um discurso fictício. Esse texto foi veiculado numa revista de apoio ao professor, construindo um discurso motivador, mesmo que irreal. Talvez esteja aí a ilusão do professor ou das prescrições que acham que têm a fórmula para resolver os problemas, culpabilizando indiretamente o professor: insiste-se em substituir a realidade pelo mundo ilusório, pelo microcosmo da escola, isolado em maior ou menor medida da sociedade real.

Seria preciso que o professor/leitor, ao entrar em contato com textos como esse, estivesse atento para perceber o jogo ideológico, que se questionasse e fosse além daquilo que as crônicas e orientações em questão oferecem. Fosse além das imagens maternas construídas por elas, sendo capaz de construir também outras imagens possíveis do docente: o profissional vítima de um sistema injusto, ou ainda aquele sufocado pelo sistema capitalista que o trata como objeto e empregado da escola e dos alunos.

Há vários fatores sociais e políticos que interferem no trabalho do professor. Machado (2003) já previa, em seu projeto de pesquisa, razões para se compreender esse problema e essas peculiaridades, quando afirmou que:

A massificação do ensino, o desenvolvimento científico acelerado que o professor não tem condições de seguir, demandas sociais que se transformam aceleradamente e que exigem uma “qualidade de ensino”, da qual não se explicita nem o significado, nem o objetivo; todo esse conjunto de fatores tem levado o ensino a uma crítica social contínua e, conseqüentemente, à desvalorização do papel social do professor e a um sentimento de baixa auto-estima. Os múltiplos papéis que os professores desempenham, o excesso de alunos nas classes, a pouca motivação dos alunos para o ensino escolar, os baixos salários, a multiplicação das horas de trabalho e até mesmo a violência física a que estão expostos os

professores criam uma situação de trabalho extremamente difícil (MACHADO, 2003, p. 3).

A imagem idealizada de Dona Nicota contrapõe-se à imagem complexa, fragmentada, do professor citado acima. Pela análise realizada, nota-se, então, a proposta de um modelo a ser seguido a partir das representações de registros passados, mas toda essa discussão acaba por nos levar a uma reflexão: será que o professor de hoje consegue ser uma “Dona Nicota”, ou ainda, será que é esse o modelo ideal para os profissionais da educação seguirem? Ao tentar responder essas questões, constata-se que as pessoas relacionam-se freqüentemente com as imagens, com as representações, com as figuras interpretativas (BRONCKART, 1999), e não necessariamente com a realidade.

Dessa forma, cabe a nós, professores e pesquisadores, contribuímos para alterar esse quadro da formação e representação de professores em revistas de apoio ao professor, estudando e expondo o trabalho docente de maneira diversa, para que novos modelos de agir possam ser construídos e para que, quem sabe, conhecendo melhor esse trabalho, consigamos também resgatar a valorização social do professor.

Referências

- AMIGUES, R. 2004. *Trabalho do professor e trabalho de ensino*. In: A. R. Machado, (Org.) *O ensino como trabalho. Uma abordagem discursiva*. Tradução de Anna Rachel Machado. Londrina, EDUEL, p. 35-54.
- AUTHIER-REVUZ, J. 2001. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp.
- BARRICELLI, E. 2007. *A reconfiguração pelos professores da proposta curricular de educação infantil*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP.

- BELINKY, T. 2000. Crônica para dona Nicota. Revista Nova Escola, Seção Era uma vez, Ano XV, nº 136, p. 42-44, out. 2000.
- BRONCKART, J-P. 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ.
- _____. 2006. *Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras.
- BRONCKART, J-P. & MACHADO, A. R. 2004. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: Machado, A.R. (Org.) *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, p. 131-163.
- _____. 2005. *En quoi et comment les textes prescriptifs prescrivent-ils? Analyse comparative de documents éducatifs brésiliens et genevois*. In: Filliettaz, L.; Bronckart, J-P. (Org.). *L'analyse des actions et des discours en situation de travail. Concepts, méthodes et applications*. 1^{er} ed. Louvain-la-Neuve: Peeters, p. 221-240.
- BUENO, L. 2007. *A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP.
- BULEA, E. ; FRISTALLON, I. 2004. *Agir, agentivité et temporalité dans les entretiens sur le travail infirmier*. Les cahiers de la section des Sciences de l'Éducation, n. 103. Universidade de Genebra, p. 213 -262.
- CLOT, Y. 2006. *A função psicológica do trabalho*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, RJ: Vozes.
- ECO, U. 1984. *Conceito de texto*. São Paulo: EDUSP.
- FAÍTA, D. 2002. Análise das práticas languageiras e situações de trabalho: uma renovação metodológica imposta pelo objeto. In: & SOUZA-E-SILVA, M.C. & FAÍTA, D. (Orgs.) *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2004. Gêneros de discurso, gêneros de atividade, análise da atividade do professor. In: A. R. Machado (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. São Paulo: EDUEL.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. 1990. *Les interactions verbales*. vol. I. Paris: Colin.
- LACOSTE, M. 1995. Paroles, activité, situation. In: J. BOULET. *Paroles au travail*. Paris: L'Harmattan.
- LAJOLO, M. 2005. *Do mundo da escrita para o mundo da leitura*. São Paulo: Ática.

LOUSADA, E. 2006. *Entre trabalho prefigurado e realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP.

MACHADO, A. R. 2007. *Por uma concepção ampliada do trabalho do professor*. In: A. M. de M. GUIMARÃES; A. R. MACHADO; A. COUTINHO (Orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado das Letras, p. 77-100.

_____. 2003. *Análise de linguagem / trabalho educacional e de suas relações*. Projeto de Pesquisa aprovado e subsidiado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC/SP. São Paulo.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; BARALDI, G. S.; ABREU-TARDELLI, L. S.; TOGNATO, M. I. R. 2004. *Relações entre linguagem e trabalho educacional: novas perspectivas e métodos no quadro do interacionismo*. *Calidoscópico Revista de Linguística Aplicada*, São Leopoldo-RS, v. 2, n. 2, p. 89-96.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão dos suportes dos gêneros textuais UFPE/CNPq 2003. bbs.metalink.com.br/-lcoscarelli/GEsuporte.doc, disponível em 05/04/2008.

MAZZILO, T. M. M. 2006. *O trabalho do professor em língua estrangeira representado e avaliado em diários de aprendizagem*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP.

SAUJAT, F. 2004. *O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama*. IN: A. R. MACHADO (Org.) *O ensino como trabalho. Uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, p. 4-34.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. 2004. *O ensino como trabalho*. In: A. R. Machado (Org.) *O ensino como trabalho. Uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, p. 81-104.

VIGOTSKI, L.S. 1934. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sítio consultado: <http://novaescola.abril.com.br/> último acesso em dezembro de 2007.

Anexo:

Crônica para dona Nicota (outubro 2000)

Foi nos anos finais da década de 40. (Há tanto tempo!) Meu primogênito Ricardo completara 6 anos de idade, e resolvemos matriculá-lo no primeiro ano primário da Escola Americana, do já então tradicional Mackenzie College, que ficava a três quadras da nossa casa. E Ricardinho, que era uma criança tímida e um tanto ensimesmada, não gostou nem um pouco da experiência de ficar "abandonado" num lugar estranho, no meio de gente desconhecida — uma coisa para ele muito assustadora. E não houve jeito



de fazê-lo aceitar tão insólita situação. Ele se recusava até mesmo a entrar na sala: ficava na porta, "fincava o pé", sem chorar mas também sem ceder... Eu já estava a ponto de desistir da empreitada, quando a professora da classe, dona Nicota, se levantou e veio falar conosco. E todo o jeito dela, a maneira como ela olhou para o Ricardinho, o timbre e o tom da sua voz, a expressão do seu rosto e até a sua figurinha baixinha, meio rechonchuda, não jovem demais, muito simples e despojada, causaram imediatamente uma sensível impressão no menino. A tensão sumiu do seu rostinho, seu corpo relaxou, e — ora vejam! — ele respondeu com um sorriso ao sorriso da dona Nicota!

— Vem ficar aqui comigo — ela disse.

— Você vai gostar. — E acrescentou, para minha surpresa, — Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo.

Eu não sabia como agradecer. E nem foi preciso — o que dona Nicota disse, ela cumpriu. E durante vários dias, até semanas, ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas, e levou o Ricardinho pela mão, a pé, até a escola e a sua sala. E o trouxe de volta, da mesma maneira. E até quando, certo dia, o menino estava adoentado e não pôde ir à escola, ela voltou para lhe dar uma "aula particular", em casa — para ele não se atrasar no programa. Tudo isso na maior simplicidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo...

O Ricardinho adorava a dona Nicota — e não era para menos. Dona Nicota era a mais perfeita e linda encarnação da "professora primária" ideal — a mais nobre e fundamental das profissões: a de ser a primeira a preparar uma criança pequena nas suas primeiras incursões na vida real — com competência, dedicação, compreensão, paciência e carinho. E a consciência plena de estar dando à criança uma verdadeira base para o futuro cidadão.

Por que estou contando tudo isso a vocês, hoje? Porque, no Dia do Professor, eu senti que não poderia prestar maior homenagem a todos os "mestres-escolas" do Brasil do que incluí-los nesta "crônica-tributo" a dona Nicota, exemplo e paradigma de uma modesta e maravilhosa professora "montessoriana" e um grande ser humano.

Ricardo saiu de sob a asa de dona Nicota lendo e escrevendo. E hoje, jornalista, tradutor e escritor, esse avô de três netos continua se lembrando de dona Nicota, com carinho e gratidão.

Essa dona Nicota que a estas horas deve estar dando aulas montessorianas aos anjinhos do céu.

Crônica de Tatiana Belinky, ilustrada por Cris e Jean

